

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
COMISSÃO EXECUTIVA DO VESTIBULAR

VESTIBULAR 2017.2
2ª FASE - 1º DIA
REDAÇÃO E LÍNGUA PORTUGUESA

APLICAÇÃO: 02 de julho de 2017

DURAÇÃO: 04 horas

INÍCIO: 09 horas

TÉRMINO: 13 horas



Nome: _____ Data de nascimento: _____

Nome de sua mãe: _____

Assinatura: _____

Após receber sua **folha de respostas**, copie, nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a seguinte frase:

Solidariedade é o bem em si mesmo.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa com 20 questões.

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- a FOLHA DE RESPOSTAS preenchida e assinada;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar sua folha de respostas ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado de sua folha de respostas, o número 3, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

LEIA COM ATENÇÃO!

INSTRUÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS

1. Ao receber o caderno de provas, o candidato deverá examiná-lo, observando se está completo, e se há falhas ou imperfeições gráficas que causem qualquer dúvida. Em qualquer dessas situações, o fiscal deverá ser informado imediatamente. A CEV poderá não aceitar reclamações após 30 (trinta) minutos do início da prova.
2. O candidato deverá preencher os campos em branco da capa da prova, com as devidas informações.

3. DA PROVA I - REDAÇÃO:

- 3.1. A Redação deverá ser feita na folha própria, denominada Folha Definitiva de Redação, que é distribuída aos candidatos juntamente com o caderno de provas. Ao receber a Folha Definitiva de Redação, que será personalizada, o candidato deverá conferir atentamente todos os seus dados; caso haja alguma discrepância, deverá comunicar imediatamente ao fiscal de sala.
- 3.2. Na Folha Definitiva de Redação, o candidato deverá apor, no local apropriado, sua assinatura (igual à da identidade).
- 3.3. Caso tenha solicitado intérprete de LIBRAS, o candidato deverá marcar, com X, o quadrículo que se encontra na Folha Definitiva de Redação para esse fim.
- 3.4. O caderno de provas contém uma folha para rascunho (semelhante à Folha Definitiva de Redação) que poderá ser utilizada para treino, contudo não poderá ser destacada nem entregue em substituição à Folha Definitiva de Redação.
- 3.5. A folha para rascunho não será objeto de correção.
- 3.6. A Redação deverá ser escrita a caneta, de tinta de cor preta ou azul.
- 3.7. Por medida de segurança, não serão aceitas redações escritas a lápis.
- 3.8. É permitido ao candidato fazer sua redação em letra de forma.
- 3.9. A Folha Definitiva de Redação não será substituída, em nenhuma hipótese, por erro do candidato. Portanto, o candidato deverá fazer sua redação atentamente, evitando erros e excesso de rasuras.
- 3.10. Em caso de erro quando da escrita da redação, o candidato deverá riscar a(s) palavra(s) errada(s), cobrindo-a(s) totalmente, com a própria caneta, e escrever o que for correto em seguida, dando continuidade à escrita. Esse tipo de rasura será desconsiderado pela banca corretora desde que não interfira na compreensão do texto redigido nem se encontre em muitas linhas, seguidas ou não. **Em nenhuma hipótese será permitido o uso de qualquer tipo de corretivo.**
- 3.11. É importante que a redação se atenha às instruções da prova, esteja de acordo com o gênero textual solicitado e respeite a delimitação do número mínimo de 20 (vinte) e do máximo de 25 (vinte e cinco) linhas escritas.
- 3.12. Não é necessário colocar título na redação.
- 3.13. O candidato não deverá apor assinatura nem qualquer outro tipo de identificação no espaço destinado para a escrita da redação, mesmo que o texto produzido seja do gênero carta.
- 3.14. As colunas contidas na margem direita da Folha Definitiva de Redação, bem como o espaço destinado à colocação do número de linhas não escritas, localizado no rodapé da Folha Definitiva de Redação, **não devem ser preenchidos**; esses espaços são reservados à banca corretora.
- 3.15. O número máximo de pontos da prova de redação é 60 (sessenta).
- 3.16. Será atribuída nota zero, nesta prova, ao candidato que não entregar sua Folha Definitiva de Redação.

4. DA PROVA II - ESPECÍFICA:

5. A folha de respostas será o único documento válido para a correção da prova. Ao recebê-la, o candidato deverá verificar se seu nome e número de inscrição estão corretos. Se houver discrepância, deverá comunicar imediatamente ao fiscal de sala.
6. A folha de respostas não deverá ser amassada nem dobrada, para que não seja rejeitada pela leitora óptica.
7. Após receber a folha de respostas, o candidato deverá ler as instruções nela contidas e seguir as seguintes rotinas:
 - a) copiar, no local indicado, duas vezes, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a frase que consta na capa do caderno de prova;
 - b) marcar, na folha de respostas, pintando completamente, com caneta transparente de tinta azul ou preta, o interior do círculo correspondente ao número do gabarito que consta no caderno de prova;
 - c) assinar a folha de respostas 2 (duas) vezes.
8. As respostas deverão ser marcadas, na folha de respostas, seguindo as mesmas instruções da marcação do número do gabarito (item 7 b), indicando a letra da alternativa de sua opção. É vedado o uso de qualquer outro material para marcação das respostas. Será anulada a resposta que contiver emenda ou rasura, apresentar mais de uma alternativa assinalada por questão, ou, ainda, aquela que, devido à marcação, não for identificada pela leitura eletrônica, uma vez que a correção da prova se dá por meio eletrônico.

9. O preenchimento de todos os campos da folha de respostas da Prova Específica será da inteira responsabilidade do candidato. Não haverá substituição da folha de respostas por erro do candidato.
10. Será eliminado da 2ª Fase do Vestibular 2017.2 o candidato que se enquadrar, dentre outras, em pelo menos uma das condições seguintes:
 - a) não marcar, na folha de respostas, o número do gabarito de seu caderno de prova, desde que não seja possível a identificação de tal número;
 - b) não assinar a folha de respostas;
 - c) marcar, na folha de respostas, mais de um número de gabarito, desde que não seja possível a identificação do número correto do gabarito do caderno de prova;
 - d) fizer, na folha de respostas, no espaço destinado à marcação do número do gabarito de seu caderno de prova, emendas, rasuras, marcação que impossibilite a leitura eletrônica, ou fizer sinais gráficos ou qualquer outra marcação que não seja a exclusiva indicação do número do gabarito de seu caderno de prova.
11. Para garantia da segurança, é proibido ao candidato copiar o gabarito em papel, na sua roupa ou em qualquer parte de seu corpo. No entanto, o **gabarito oficial preliminar** e o **enunciado das questões da prova** estarão disponíveis na página da CEV/UECE (www.uece.br), a partir das 16 horas do dia 02 de julho de 2017 e a **imagem completa de sua folha de respostas** estará disponível a partir do dia 19 de julho de 2017.
12. Qualquer forma de comunicação entre candidatos implicará a sua eliminação da 2ª Fase do Vestibular 2017.2.
13. Por medida de segurança, não será permitido ao candidato, durante a realização da prova, portar, dentro da sala de prova, nos corredores ou nos banheiros: armas, aparelhos eletrônicos, gravata, chaves, chaveiro, controle de alarme de veículos, óculos (excetuando-se os de grau), caneta (excetuando-se aquela fabricada em material transparente, de tinta de cor azul ou preta), lápis, lapiseira, borracha, corretivo, e outros objetos similares. Todos esses itens deverão ser acomodados em embalagem porta-objetos, disponibilizada pelo fiscal de sala, e colocados debaixo da carteira do candidato, somente podendo ser de lá retirados após a devolução da prova ao fiscal, quando o candidato sair da sala em definitivo.
14. Bolsas, livros, jornais, impressos em geral ou qualquer outro tipo de publicação, bonés, chapéus, lenços de cabelo, bandanas ou outros objetos que não permitam a perfeita visualização da região auricular deverão ser apenas colocados debaixo da carteira do candidato.
15. Na parte superior da carteira ficará somente a caneta transparente, o documento de identidade, o caderno de prova e a folha de respostas.
16. Será permitido o uso de água para saciar a sede e de pequeno lanche, desde que acondicionados em vasilhame e embalagem transparentes, sem rótulo ou etiqueta, e fiquem acomodados debaixo da carteira do candidato, de onde somente poderão ser retirados com autorização do fiscal de sala. A inobservância de tais condições poderá acarretar a eliminação do candidato, de acordo com o subitem **10.9.2** do Edital que rege o certame.
17. Os três últimos candidatos deverão permanecer na sala de prova e somente poderão sair do recinto juntos, após a aposição em ata de suas respectivas assinaturas; estando nessa condição, o candidato que se recusar a permanecer na sala de prova, no aguardo dos demais candidatos, será eliminado do Vestibular 2017.2, de acordo com a alínea k do subitem **10.18** do Edital que rege o certame.
18. O candidato, ao sair definitivamente da sala, deverá entregar a folha de respostas e o caderno de prova, assinar a lista de presença e receber seu documento de identidade, sendo sumariamente eliminado, caso não faça a entrega da folha de respostas.
19. Os recursos relativos à Redação e à Prova Específica deverão ser interpostos de acordo com as instruções disponibilizadas no endereço eletrônico www.uece.br/cev.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a Folha Definitiva de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS
ABAIXO.

		T	NG	CE
	01			
	02			
	03			
	04			
	05			
	06			
	07			
	08			
	09			
	10			
	11			
	12			
	13			
	14			
	15			
	16			
	17			
	18			
	19			
	20			
	21			
	22			
	23			
	24			
	25			
TOTAL				

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) Candidato(a)

Considerando a presença da leitura, da escrita e do computador na vida moderna, apresentamos os textos **I**, **II** e **III**, que ilustram esse fato. Leia-os atentamente e, em seguida, escolha uma das propostas abaixo para redigir seu texto.

Proposta 1: A partir dos textos ilustrativos apresentados, escreva um artigo de opinião, tecendo considerações positivas e ou negativas sobre o modo como esses três elementos — leitura, escrita, computador — se relacionam em nossos dias. Apresente justificativas para suas considerações.

Proposta 2: Narre um fato real ou imaginário em que uma criança se sacrificou, lutou, transpôs obstáculos para frequentar uma escola. Especifique em que consistiu esse sacrifício, essa luta, esses obstáculos e demonstre que essa criança foi uma vencedora.

TEXTO I

Leitura on-line

Se a leitura é definida como “a compreensão do sentido da linguagem escrita”, então ela não será diferente no futuro do que tem sido no passado. Os olhos e o cérebro dos leitores de hoje já estão preparados para qualquer coisa que as situações de leitura do futuro possam apresentar. A diferença estará na extensão das situações em que haverá oportunidade de leitura e na variedade das respostas que serão exigidas dos leitores nessas situações. Nestes dois aspectos – da necessidade da leitura e do que se espera que os leitores realizem – as exigências sobre os leitores podem ser muito maiores do que as atuais, não sobre os olhos ou as funções cognitivas das pessoas, mas sobre suas experiências.

A leitura nunca foi uma simples questão de compreender os símbolos que estão sobre o papel, mesmo quando os termos como leitura e alfabetização ficam restritos à linguagem escrita. (Todos os outros usos dos termos como “leitura do rosto” ou “alfabetização visual” são metafóricos.) A linguagem escrita já é encontrada em uma variedade de meios de comunicação – não somente no papel, mas em madeira, pedra, metal, plástico entre outros.

Razões para a leitura

Por que as pessoas vão ler on line? Exatamente pelas mesmas razões por que elas já leem – pelo prazer, pela informação, pela identificação e pela experiência. Já existe o acesso eletrônico a listas, enciclopédias, manuais e recursos científicos e profissionais, arquivos de bibliotecas, guias de entretenimento, catálogos comerciais, horários de meios de transporte, previsão do tempo, listas de bens imóveis, pronunciamentos políticos, receitas, resultados esportivos e inúmeros outros recursos além de – ou em vez de – fontes impressas.

A leitura é um vício para muitas pessoas, os computadores são um vício para muitas pessoas, e a combinação da leitura com os computadores pode tornar-se irresistível, assim como muitas pessoas já estão viciadas em jogos eletrônicos ou em meditar esotericamente nas entranhas dos próprios computadores.

Milhões de escritores reais ou potenciais da Internet estão contando as histórias de suas vidas, reais ou imaginárias e falando de suas esperanças e temores, verdadeiros e fictícios. Nunca houve uma linha divisória clara entre a realidade e a fantasia, o fato e a ficção, o desejo e o medo, a intenção e o ato, a observação e a participação, e as distinções podem desaparecer completamente com a escrita espontânea, com a leitura instantânea e com as perspectivas ilimitadas de assuntos e experiências na Internet. Em princípio, todos podem ler tudo e interagir com todos. A quantidade de material que poderia ser lido – e lido com utilidade – pode superar a imaginação. Mas os textos impressos têm sido produzidos com uma abundância maior do que a possibilidade de que alguém os lesse durante séculos. A tecnologia eletrônica simplesmente torna a escolha ainda maior – e a tarefa de descobrir e localizar algo realmente interessante ainda mais difícil.

Assim como haverá oportunidades e até demanda de muito mais leitura, também haverá oportunidades e demanda de muito mais escrita.

Haverá novos tipos de leitura? Há o hipertexto, que é uma aglomeração de textos que fica cada vez maior, sem início, meio ou fim, que você pode começar a ler em qualquer ponto, pular para novos assuntos sempre que assim o desejar e parar no momento que quiser. Não há um “caminho certo” de leitura para esse material; nunca duas pessoas o lerão da mesma maneira.

Novas formas de escrita estão sempre surgindo, não somente em novos formatos de textos, mas em novas maneiras de formular perguntas e respostas, de saudações e de expressão do estado de espírito. As maneiras esperadas de relacionar-se com outras pessoas se estabelecem nas interações eletrônicas da mesma forma como ocorrem em outros ambientes sociais. E tudo o que é novo e se exige daqueles que escrevem deverá ser aprendido por aqueles que leem.

(Frank Smith. Leitura Significativa – Trad. Beatriz Neves. 1999 - Texto adaptado)

TEXTO II

Os livros antes de tudo

A foto de Rivânia Silva, 8 anos, carregando livros em uma jangada durante uma enchente em Pernambuco comoveu o Brasil. A avó, Maria Ivone da Silva, 67 anos, explica o amor da neta pela leitura.

Onde a senhora estava quando começou a enchente?

Eu estava sozinha com a Rivânia em casa. Nós moramos perto do rio. Choveu o tempo todo nos dois dias antes da enchente, e o nível subiu. Acordamos com a água na porta de nossa casa. Percebi que não tinha mais jeito quando a água estava na altura da cintura da Rivânia. Disse a ela que precisávamos sair dali. Mandei ela pegar suas coisas mais importantes e ir para a casa de uma amiga que mora longe do rio. Ela separou em uma mochila apenas os livros da escola e subiu na jangada de um vizinho, que a levou para longe.

Por que ela quis salvar só os livros?

Ela é muito estudiosa. Sempre gostou de ler, escrever. Raramente falta à escola. As aulas, que foram suspensas por causa do volume da água, voltaram nesta semana. Ela ficou muito feliz porque não gosta de ficar sem aula.

(Revista Veja, 14 de junho, 2017)

TEXTO III

Falando e escrevendo

Por que escrevemos?

Bem, não é fácil enumerar todos os motivos pelos quais escrevemos, tantos são eles. Eis alguns: escrevemos para dar ordens, para avisar alguém, para reclamar, para receitar, para advertir, para pedir, para tirar uma boa nota, para pedir socorro, para não esquecer, para dizer um pouco de tudo que sentimos num diário que só nós lemos, para dizer um pouco de tudo aos outros em forma de poesia, para contar uma história, e escrevemos por muitas, muitas outras razões.

Mas todos esses motivos particulares pelos quais escrevemos podem ser explicados por uma razão geral: escrevemos para resolver problemas que a fala, a linguagem oral, não consegue resolver. Podemos até dizer que o homem inventou a escrita, há milhares de anos, quando só a conversa não conseguiu dar conta de todas as suas necessidades.

O domínio da escrita é tão importante que, durante séculos, só se permitia que uma pequeníssima parcela da sociedade aprendesse a ler e a escrever. Escrever era uma questão de segurança social, política ou religiosa: só pessoas de determinadas classes ou castas tinham esse direito, exercido sempre sob estrito controle. Não só não era qualquer um que escrevia, como os que escreviam não podiam escrever qualquer coisa. Mesmo depois da invenção da imprensa com tipos móveis, por Gutemberg, já no fim da Idade Média, que popularizou extraordinariamente os livros (antes escritos à mão em quantidade mínima), a escrita continuava restrita a uma pequena faixa da população, enquanto a vigilância sobre o que se escrevia aumentava. Muitos foram parar na fogueira da Inquisição por escreverem o que não era permitido.

Porém, nenhuma vigilância conseguiu mais segurar a popularidade da escrita, de modo que, hoje, a sua absoluta democratização é uma exigência fundamental da sobrevivência dos valores – e da produção de riquezas – da civilização. Apesar de tudo, continuamos “vigiados”. O nosso alegre e criativo inventor que esculpiu a primeira letra na pedra, hoje teria de ir para a escola aprender gramática, como se grafa certo, que palavras devem levar acento, o que é a crase e até mesmo escrever redações sem assunto com o único objetivo de passar de ano. É até possível que diante de tantas regras, horários, chateações, cópias, ele desistisse da caneta e voltasse ao tacape, resmungando: não, essa invenção não vai dar certo!

Mas o fato é que a invenção deu certo. Tente por um segundo imaginar um mundo sem palavras escritas. Bem, dá para imaginar, mas seria um outro mundo, diferente do nosso sob todos os aspectos da vida.

(Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza – Oficina de Texto. 2003. Texto adaptado)

PROVA II – LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

Moderna e Eterna

01 Cem anos após inaugurar a primeira
02 exposição modernista do Brasil, que serviu
03 de embrião para a Semana de 1922, Anita
04 Malfatti ganha uma grande mostra, em São
05 Paulo, sobre seu legado.
06 Uma semana após inaugurar aquela que
07 seria a primeira exposição de arte moderna
08 no Brasil, no dia 12 de dezembro de 1917,
09 Anita Malfatti (1889-1964) teve cinco telas
10 devolvidas por seus compradores, além de
11 receber dezenas de bilhetes anônimos
12 falando mal de suas obras. O motivo? A
13 crítica feroz do influente escritor Monteiro
14 Lobato (1882-1948), que comparou o
15 trabalho da paulistana “aos desenhos de
16 internos dos manicômios”. A mostra de
17 Malfatti serviu de embrião para a revolução
18 artística que culminaria na Semana de Arte
19 Moderna de 1922, protagonizada por ela,
20 Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald
21 de Andrade, Menotti Del Picchia –
22 conhecidos como o Grupo dos Cinco. É em
23 comemoração a essa emblemática exposição
24 que o MAM de São Paulo inaugura no
25 próximo dia 7 *Anita Malfatti: 100 Anos de*
26 *Arte Moderna*.
27 Graças à crítica de Lobato, Anita tornou-
28 se a mártir do modernismo brasileiro”,
29 explica a curadora Regina Teixeira de
30 Barros. Foi depois da publicação do artigo do
31 escritor que começaram a se reunir em torno
32 dela jovens poetas e artistas inconformados
33 com a linguagem tradicional que dominava o
34 cenário cultural da época. Apesar de ser mais
35 discreta na forma de agir e se vestir que sua
36 amiga Tarsila, Anita não deixou de ganhar
37 notoriedade e reconhecimento em mercado
38 ainda dominado por homens.
39 Aos 20 anos mudou-se para a Alemanha,
40 onde se apaixonou pelo expressionismo.
41 Depois seguiu para os Estados Unidos, terra
42 natal de sua mãe, pintora nas horas vagas e
43 a primeira a incentivar a filha a seguir o
44 sonho de ser artista. Casada com o
45 engenheiro italiano Samuelli Malfatti,
46 Elizabeth Krug viajava com a filha desde
47 pequena pela Europa, não apenas para
48 iniciá-la no mundo das artes, mas por causa
49 de um problema congênito de Anita – uma
50 atrofia no braço e na mão direita. Sem
51 grandes resultados no tratamento, a pintora
52 usava lenços coloridos para enconder a
53 malformação na mão – o que a levou a ter
54 uma bela coleção do acessório para diversas
55 ocasiões.
56 Ela não se deixou abater. Aprendeu a
57 pintar com a mão esquerda, algo marcante
58 em sua personalidade. Conforme crescia,
59 experimentava voluntariamente a fome, a

60 cegueira e a sede, na busca de sensações
61 físicas de “superação do eu”, como ela
62 mesma descrevia. Um dos fatos
63 insuperáveis, no entanto, foi sua paixão nem
64 tão secreta assim pelo grande amigo Mário
65 de Andrade. Homossexual convicto, o
66 modernista nunca correspondeu (sic) o amor
67 de Anita. Após a Semana de 1922 (e apesar
68 de sua profunda admiração pela amiga),
69 Mário decidiu não apoiá-la quando, nas
70 décadas de 30 e 40, a artista decidiu
71 inspirar-se nas pinturas da academia em
72 suas novas produções. “Ela fraquejou, sua
73 mão, indecisa, se perdeu”, comentou ele à
74 época. Mário recusou também as pinturas de
75 Anita para o Salão de Belas Artes, o que
76 provocou uma fissura na relação dos dois.
77 “Ele foi um dos críticos que não assimilou
78 que o modernismo não era apenas feito de
79 ruptura à tradição, mas também [de] uma
80 reflexão sobre o passado, algo que Anita
81 conseguiu colocar de forma magistral em
82 suas pinturas”, explica Regina.
83 Entre as poucas obras que mostram a
84 amizade do Grupo dos Cinco, a mais
85 conhecida é certamente um desenho
86 homônimo assinado por Anita, destaque da
87 mostra de São Paulo. Nele a pintora e Mário
88 aparecem tocando piano, enquanto Tarsila,
89 Oswald e Menotti estão deitados. A cena
90 mostra o ambiente genuíno no qual a
91 Semana de Arte Moderna de 1922 nasceu,
92 resume a curadora.

(Ana Carolina Ralston. *Vogue*. Fevereiro de 2016.
p. 86-87.)

01. O objetivo do texto “Moderna e Eterna” é

- A) lembrar o centenário da Semana de Arte Moderna.
- B) destacar as mais importantes datas do Modernismo brasileiro.
- C) salientar as figuras mais importantes da literatura moderna no Brasil.
- D) enfocar a primeira exposição de arte moderna no Brasil.

02. O texto centraliza-se

- A) na trajetória artística de Anita Malfatti.
- B) na doença de Anita Malfatti.
- C) nos detalhes da vida íntima de Anita, como sua relação com Mário de Andrade.
- D) na falta de ética de Monteiro Lobato.

03. Ensina Othon Moacyr Garcia (In: *Comunicação em Prosa Moderna*): “Se o fato determinante de outro é a sua causa, esse outro é a sua consequência. A consequência desejada ou preconcebida é o fim (propósito, objetivo)”.

Considerando o que diz Othon M. Garcia, atente às seguintes afirmações:

- I. A devolução a Anita Malfatti de cinco telas e o recebimento, pela mesma Anita, de bilhetes anônimos falando mal de suas obras determinam a crítica feita por Moteiro Lobato à obra da pintora paulistana. Esse fato é **consequência** do outro.
- II. A crítica de Monteiro Lobato aos quadros de Anita Malfatti foi a **causa** do fracasso da exposição da pintora, em 1917.
- III. A **consequência** advinda da ação de Lobato (escrever um artigo posicionando-se contra a obra de Anita Malfatti) não foi preconcebida, portanto, não pode ser considerada o **fim, propósito** ou **objetivo** de sua ação.

Está correto o que se diz em

- A) II e III apenas.
- B) I e II apenas.
- C) I e III apenas.
- D) I, II e III.

04. A real responsabilidade pelo fracasso da exposição de Anita Malfatti deve-se

- A) à própria Anita, que nunca chegou a ser uma grande pintora.
- B) ao público, que se negou a pagar pelas obras compradas, devolvendo-as.
- C) à doença, que tirou de Anita a possibilidade de crescer em sua arte.
- D) a Monteiro Lobato, que escreveu um artigo violento contra as obras de Anita.

05. Sobre o Modernismo brasileiro, é correto afirmar que

- A) foi um movimento genuinamente brasileiro, negando a tradição nacional de sempre seguir modelos europeus nas viradas artístico-culturais.
- B) a conversão da intelectualidade brasileira aos objetivos e princípios do Modernismo deu-se sem trauma e sem resistência.
- C) teve como principais marcas a liberdade de estilo e a aproximação à linguagem falada.
- D) a Semana de Arte Moderna de 1922 expressou as primeiras tendências modernistas no Brasil.

06. Leia o excerto transcrito: “A mostra de Malfatti serviu de **embrião** para a revolução artística que **culminaria** na Semana de Arte Moderna de 1922” (linhas 16-19). Assinale a opção em que estejam presentes todas as informações necessárias para a total compreensão do que está em negrito.

- A) Os termos “embrião” e “culminaria” (verbo culminar) foram empregados em sentido figurado.
- B) “Embrião” e “culminaria” são metáforas: “embrião”, literalmente, origem, no texto indica que o Modernismo do Brasil se revelou com a exposição de Anita Malfatti; e culminaria, que significa chegaria ao auge, revela que o momento mais expressivo do movimento ocorreu em 1922.
- C) Os termos “embrião” e “culminaria” foram empregados em sentido conotativo: embrião significa organismo imaturo, e culminaria, o ponto mais alto da sabedoria.
- D) “Embrião” e “culminaria” foram empregados em dois sentidos: o primeiro, metaforicamente, “embrião” e, literalmente, origem; e culminar(ia), que é, literalmente, atingir.

07. Comentário de Mário de Andrade, quando nas décadas de 30 e 40 Malfatti decidiu inspirar-se nas pinturas da academia em suas novas produções: “Ela fraquejou, sua mão, indecisa, se perdeu” (linhas 72-73). Atente ao que se diz a seguir a respeito do comentário de Mário de Andrade.

- I. O poeta reporta-se, unicamente, à doença congênita que Anita sofria — uma atrofia no braço e na mão direita. Essa primeira leitura constrói o sentido literal.
- II. Mário de Andrade alude, somente, ao que, para ele, fora um retrocesso: a busca de inspiração, por Anita, na velha pintura acadêmica, a qual não introduz nas artes plásticas nada de novo, nada de revolucionário.
- III. O poeta constrói um jogo de palavras em que os mesmos vocábulos indicam a doença física da pintora e o que, para Mário de Andrade, foi um retrocesso artístico dela. Fazem-se, assim, ao mesmo tempo, leituras diferentes, mas que não se contradizem.

Está correto o que se afirma somente em

- A) III.
- B) II e III.
- C) I.
- D) I e II.

08. Segundo Napoleão Mendes de Almeida, “as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que foi empregada”. E faz uma advertência: não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição **a**, na frase “comprar a fulano” signifique **de**, e que a mesma preposição, na frase “vender a sicrano” signifique **para**. Sobre essa questão da significação relativa das preposições, assinale a opção **INCORRETA**.

- A) Inaugurar a primeira exposição modernista **do** Brasil indica algo diferente de inaugurar a primeira exposição modernista **no** Brasil.
- B) Em “... influente escritor Monteiro Lobato (1882-1948), que comparou o trabalho da paulistana ‘aos desenhos de internos dos manicômios’” (linhas 13-16), se trocarmos a preposição **a** pela preposição **com**, não mudaremos o sentido do enunciado.
- C) “Não é possível viajar por estas estradas esburacadas.” Nesse enunciado, viajar tem o sentido de transitar, e a preposição pedida pelo verbo é **por**.
- D) Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa. Viajar **pela** Europa significa passar muito tempo viajando por um só país da Europa. É diferente de viajar **para** a Europa.

09. “Sic” é um advérbio latino, cujo significado é **assim**. Entre parênteses ou colchetes, intercala-se numa citação ou pospõe-se a ela para indicar que o texto original está reproduzido exatamente, por mais errado ou estranho que possa parecer.

- I. No texto em estudo, encontra-se a seguinte construção: “Homossexual convicto, o modernista nunca correspondeu o (sic) amor de Anita” (linha 65-67). Observe que o (sic) aparece após o verbo **corresponder** (correspondeu), no exato lugar onde deveria estar o complemento desse verbo. Portanto, o advérbio está apontando um problema de regência verbal.
- II. Sabendo-se que o verbo **corresponder** é transitivo indireto e, no sentido de “apresentar equivalência em relação a”, exige a preposição **a**, é correto afirmar que o erro reside em usar objeto direto com este verbo, ou usá-lo sem a preposição **a**.
- III. Observe-se que, mudando-se a preposição **a** pela preposição **com**, isto é, mudando-se a regência do verbo **corresponder**, muda-se também o significado: estabelecer ligação com outrem através de carta — Júlia correspondia-se **com os irmãos** por meio de carta.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II apenas.
- C) I e III apenas.
- D) II e III apenas.

10. “Foi depois da publicação do artigo do escritor **que** começaram a se reunir em torno dela jovens poetas e artistas inconformados com a linguagem tradicional que dominava o cenário cultural da época.” (linhas 30-34)

Atente ao que se diz sobre o enunciado e escreva **V** para o que for verdadeiro e **F** para o que for falso.

- () O enunciado acima apresenta três verbos e, portanto, três orações.
- () O “foi que” não pode constituir uma oração, por formar uma locução expletiva, ao modelo de “é que”.
- () A expressão dita expletiva deixa o enunciado mais forte, mais expressivo.
- () A locução “foi que” equivale a “é que”, mas, diferentemente do “é que”, não pode ser retirada da frase.
- () Esse enunciado poderia ser reescrito desta maneira: Depois da publicação do artigo do escritor **foi que** começaram a se reunir em torno dela jovens poetas e artistas inconformados com a linguagem tradicional que dominava o cenário cultural da época.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, F, F, F, V.
- B) F, V, F, V, F.
- C) F, V, V, F, V.
- D) V, F, V, V, F.

11. O adjetivo “novo(as)” (linha 72) tem uma rica variedade de acepções. Indique a opção em que ele foi empregado duas vezes com a mesma acepção em que foi empregado no texto.

- A) Encontrei no sebo um livro relativamente **novo**. / Minha bolsa **nova** caiu em uma poça de lama.
- B) O pai aconchegou no colo a filhinha **nova** até ela adormecer. / A rosa do deserto está cheia de folhas **novas**.
- C) Minha irmã usou — em sua tese sobre a colonização da Austrália — hipóteses e argumentos **novos**. / Tudo o que sei de **novo** foi ela quem me ensinou.
- D) Dancei o carimbó com minha saia **nova**. / Meu irmão era mais **novo** do que eu quatro anos.

12. “Casada com o engenheiro italiano Samuelle Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha pequena pela Europa, **não apenas para iniciá-la** no mundo das artes, **mas por causa de um problema congênito de Anita** — uma atrofia no braço e na mão direita.” (linhas 44-50)

O enunciado acima peca por falta de paralelismo sintático. Assinale a opção em que o paralelismo está presente.

- A) Casada com o engenheiro italiano Samuelli Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa, não apenas por causa da iniciação da filha no mundo das artes, mas também por causa do tratamento de um problema congênito de Anita — uma atrofia no braço e na mão direita.
- B) Casada com o engenheiro italiano Samuelli Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa, não apenas para iniciá-la no mundo das artes, mas por causa de um problema congênito de Anita — uma atrofia no braço e na mão direita.
- C) Casada com o engenheiro italiano Samuelli Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa, não apenas por querer iniciá-la no mundo das artes, mas porque queria tratá-la de um problema congênito de Anita — uma atrofia no braço e na mão direita.
- D) Casada com o engenheiro italiano Samuelli Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa, não apenas porque queria iniciá-la no mundo das artes, mas por causa de um problema congênito de Anita — uma atrofia no braço e na mão direita.

Texto 2

Adeus, lentilha

93 Sem a pressão de estar na praia certa
94 e na festa exata, livre de superstições e dos
95 fogos à meia-noite, o Réveillon longe do
96 Brasil trouxe uma certeza: é preciso criar a
97 cada segundo o sentido dos dias.
98 Para nós, brasileiros, passar o
99 Réveillon longe do calor é, à primeira
100 sensação, começar o ano com o pé direito em
101 terra de canhoto. Para variar e virar a casaca
102 de vez, encarei de frente o dia 31 a curta
103 distância da tímida Barcelona de dezembro –
104 é na capital da Catalunha que vivo
105 atualmente –, sem o relento tropical e o
106 arder das multidões em chamas nas praias
107 do Rio ou da Bahia. Perto do mar (afinal,
108 cariocas e andorinhas nunca voam de costas
109 para o Atlântico) para saudar Iemanjá, mas
110 sem a menor chance de pular as sete ondas e
111 congelar para sempre em 2016, graças a um
112 desejo de sopro familiar passei a data em
113 Lisboa, onde os abraços são mais acalorados,
114 a comida faz as vezes de beijo de avó e a

115 alma cá dentro se acalma sob o sol de um
116 inverno generoso.
117 A “passagem d’ano” na terrinha peca
118 pela falta de excessos, mas é justamente na
119 ausência de rompantes que se rompe com o
120 passado sem grandes expectativas para o
121 futuro, o que é libertador e alivia. Sem as
122 mandingas que, dando resultados ou não,
123 repetimos a cada virada com a mesma
124 devoção que os portugueses têm na festa de
125 Santo Antônio, e os catalães, no dia de São
126 João (quando, no solstício de verão, saem
127 pelas ruas vestidos de branco) celebrei a
128 chegada de 2017 à moda da casa. Ou quase:
129 por mais que o preto seja o traje unísono
130 em Portugal, me dei a licença poética e
131 mística de quebrar o protocolo ao vestir
132 branco da cintura para cima (não quis violar
133 a “regra” de todo, afinal nunca se sabe o dia
134 primeiro de amanhã) e um par de meias
135 novas da cor sugerida pelas astrólogas sem
136 medo de parecer um alienígena.
137 Para eles era evidente que eu não era dali;
138 para mim, era uma dúvida se eu deveria
139 estar ali. Ficou claro no look, nas gracinhas
140 das dancinhas e no incessante refil das
141 tacinhas que eu era o convidado trapalhão. E
142 estava na minha cara a interrogação, cara de
143 quem não viu uma lentilha sobre a mesa,
144 cara de estranho no ninho que não viu o
145 ninho de ovos envolvendo o pernil... cara de
146 quem pergunta: “cadê as gemas e o açúcar
147 que vocês comem o ano inteiro?” E nem o
148 pernil havia!!! Sobreviver a um Réveillon sem
149 pinta de Réveillon parecia tarefa impossível
150 (a prova de fogo seria a falta de fogos) e eu
151 precisava de um sinal qualquer que fizesse
152 meus olhos enxergarem que se tratava de
153 uma festa de Ano-Novo. E nada.
154 Aparentemente nada mudaria ao meu redor
155 de 31 de dezembro para 1º de janeiro.
156 Ao mesmo tempo, estar livre da
157 obrigação de ser *feliz* da porta (e do *post*)
158 para fora, de estar na praia certa, na festa
159 exata, no *look* preciso, no bronze ideal me
160 soou perfeito para entrar 2017 sem a
161 esperança travestida de ilusão, o otimismo
162 disfarçado de alienação. A passagem
163 suavemente se fez sem o rito, a quebra. E o
164 *Day after* tornou-se um dia a mais, o
165 primeiro do ano novo, mas com jeito da
166 continuação de uma história sem pausa, sem
167 pressa. Assim, no minuto 1 de 1º de janeiro,
168 ficou entendido que é preciso criar a cada
169 segundo o sentido dos dias. E num piscar de
170 olhos e no passar ligeiro do tempo, eis que o
171 ano-bom foi anunciado com a euforia de uma
172 notícia extraordinária. Entre brindes e os
173 adoráveis “beijinhos grandes” que os “tugas”
174 tanto trocam e nos tocam, dei a noite por
175 encerrada sem precisar explicar em
176 português claro por que 2016 não vai deixar
177 saudade.

(Débora ChodiK. *Vougue*. p. 122.)

13. O texto “Adeus, lentilha”, tem as características de uma crônica como a maioria das pessoas a veem hoje. Desde que a crônica surgiu como relato de acontecimentos históricos, que obedeciam à passagem do tempo, até os dias atuais, esse gênero discursivo sofreu inúmeras mudanças, principalmente a partir do século XIX. Hoje, os estudiosos reconhecem uma diversidade de tipos de crônica (a narrativa, a descritiva, a jornalística, a humorística, etc.). Não é, porém, o assunto o elemento decisivo na distinção de uma crônica, mas a linguagem empregada: é um texto curto, de linguagem simples, leve, agradável, que normalmente tem um tom de humor.

Atente ao que se diz sobre o primeiro parágrafo da crônica.

- I. Funciona como uma espécie de apresentação do que vai ser explorado, trazendo, portando, estrutura de introdução.
- II. Esse parágrafo constrói-se de maneira inusitada: traz características de introdução, mas também um elemento comum à conclusão, que é a solução do problema.
- III. Cria um clima de expectativa para o leitor.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) II e III somente.
- C) I e III somente.
- D) I e II somente.

14. Tendo em mente o vocábulo “terrinha” e as transformações linguísticas por que ele passou, atente ao que se diz a seguir.

- I. Na língua havia a forma *terra*, com o sentido “território, região, solo, chão”, vinda diretamente do latim. A essa palavra uniu-se o sufixo diminutivo *-inho*, formando, por meio do processo conhecido como derivação sufixal, um novo vocábulo com o significado de “terra pequena”.
- II. O vocábulo “terrinha”, além do valor dimensional, tinha também um certo valor afetivo, que todo diminutivo tem. Com o tempo, ganhou em conotação e afetividade, recuando, na fala de alguns usuários da língua o valor puramente dimensional.
- III. O valor dimensional foi recuando mais, enquanto crescia o valor afetivo: o vocábulo *terrinha* agora é usado, por muitos falantes do português, principalmente pelos portugueses, em substituição a Portugal e também com o sentido de terra querida, terra amada.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) I e III apenas.
- C) I, II e III.
- D) II e III apenas.

15. Além dos dois principais processos de formação de palavras em português — derivação e composição —, há ainda os processos de formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão e combinação. Consiste a **conversão** no emprego de uma palavra fora de sua classe normal.

Assinale a opção em que as duas palavras destacadas foram formadas por esse processo.

- A) Ao mesmo tempo, **estar** livre da obrigação de ser **feliz**.
- B) E num **piscar** de olhos e no **passar** ligeiro do tempo.
- C) Para **eles** era evidente que eu **não** era dali.
- D) Para mim, era uma **dúvida** se eu deveria estar **ali**.

16. A cronista emprega umas expressões típicas do português de Portugal, o que dá mais coerência ao sentido do texto. Assinale a opção em que uma dessas expressões está presente.

- A) “A passagem d’ano” (linha 117)
- B) “sopro familiar” (linha 112)
- C) “à moda da casa” (linha 128)
- D) “A passagem suavemente se fez sem o rito, a quebra.” (linhas 162-163)

17. O trecho “é preciso criar a cada segundo o sentido dos dias” (linhas 168-169) sugere uma lição de vida que pode ser corretamente explicada da seguinte forma:

- A) Os dias passam rapidamente e não podemos ficar presos ao passado, querendo encontrar no presente o que ficou no passado.
- B) A cada dia devemos esperar pelo futuro que nos trará um novo motivo para viver.
- C) É preciso que encontremos, sempre, um motivo novo para viver.
- D) É preciso que todo dia tenhamos um motivo para viver, mesmo que esse motivo nos deixe infelizes.

18. Atente ao contexto da crônica e, dentro desse contexto, reconheça o que significam os elementos destacados do excerto: “Para **vari**ar e **vir**ar a **casaca de vez**, encarei de frente o dia 31 a curta distância da tímida Barcelona de dezembro”. (linhas 101-103)

- I. O vocábulo “vari
- II. A expressão “virar a casaca” significa mudar de lado, mudar de partido, de time.
- III. A expressão “de vez” quer dizer, no caso do texto, radicalmente. E a mudança radical é a cronista passar o réveillon longe de sua terra.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II apenas.
- C) I e III apenas.
- D) II e III apenas.

19. Atente ao que se diz sobre o seguinte trecho: “...o arder das multidões em chamas nas praias do Rio ou da Bahia” (linhas 105-107).

- I. O verbo “arder” foi substantivado, o que lhe concentra o significado (estar em chamas, abrasado; incendiar-se; queimar).
- II. Há, no emprego do verbo “arder” uma intenção hiperbólica, o que provoca uma ênfase expressiva, que resulta do exagero da significação linguística.
- III. O trabalho linguístico da cronista, nesse trecho, dá ênfase a um dos cinco sentidos: o tato.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II apenas.
- C) I e III apenas.
- D) II e III apenas.

20. Atente às seguintes afirmações sobre as características do discurso da enunciativa, ou da figura criada pela autora para ocupar o lugar de enunciativa, no caso, a cronista.

- I. Apesar de falar em primeira pessoa, tem o cuidado de reforçar a generalização das próprias sensações.
- II. A enunciativa ou a cronista, para falar das emoções experimentadas em um réveillon passado fora de casa, faz analogia entre as emoções (elementos abstratos) e elementos

concretos. Isso acontece em virtude de nossa incapacidade de abstração absoluta.

É correto afirmar que

- A) I é falsa e II é verdadeira.
- B) I é verdadeira e II é falsa.
- C) ambas são verdadeiras.
- D) ambas são falsas.